





# Branco's Costumes



# Branco's Costumes

Victor Mota



## Prefácio

De uma forma ou de outra, teria de contar esta história, pelo que decidi hoje, no meio de um verão, começá-la, não sabendo bem onde ela me irá levar. Não sabia bem se devia utilizar a primeira pessoa ou a terceira, do singular, pelo que não obrigatoriamente tenha essa qualidade, esta história. Várias coisas me inquietavam naquele ano de 2013. Sabia que não voltaria a trabalhar, tinha um sentimento de perda e remorso bastante grandes, digamos assim. Poderia ficcionar esta história, mas a condição em que me encontrava não permitia grandes “avarias”. Custava-me bastante pôr-me de pé moralmente, e há já bastante tempo que andara de cabeça perdida encostado a mim mesmo. Tinha consciência não ter praticado crime algum, contudo, vivia como se assim fosse. Duvidava de tudo e de todos, inclusive da família, talvez porque há algum tempo alguém se cruzara no meu caminho e me fizera ver as coisas por outro prisma. De uma maneira ou de outra, biografia ou ficção, teria de continuar a escrever, sob pena de ficar pelo caminho mudo, o que não jogava bem com a minha personalidade. Em questão de poucos dias, os tópicos que animavam a minha condição, haviam sido postos em causa, mas talvez não abalados. E porque ousava falar de mim? Porque não entrar definitivamente no universo da ficção e fazer disso fruição? Porque não continuar uma história antiga ou começar uma nova? Dedico, pois, este livro ao meu tio.



## I.

A poucos dias do seu regresso, Antenor Gonçalves buscava uma forma de dar sentido ao que acontecera aos seus dois filhos, quando mais tarde veio a perceber que certas coisas faziam mais sentido que muitas, pelos sentidos que desenhavam. Nesse instante, encaminhou-se para a porta que se encontrava fechada e deu à maçaneta. Do outro lado, Benilde e Fragonard, francês para o lado de Bordéus, ansiavam por ouvir sua voz rouca e debilitada. Eram convidados de honra nesse dia, para além do que tinham na mesa, havia os enfeites para a festa de Natal que se aproximava. Entraram então em sua casa, deixando para trás uma matilha de cães encerrados junto ao palheiro, na povoação de Povoação, sabendo que ficariam estes bem entregues ao criado Eleutério. Jantaram à luz de vários candeeiros, emprestados pela vizinha Clotilde, depois de uma zanga em que a mulher havia ficado envergonhada, depois de um acesso de raiva e entrecortava o seu sofrimento o sobrinho que por ali pernoitara três dias seguidos sem nada pagar nem agradecer o poiso dado. Nessa arritmia que seu tio João Bernardes, pescador de grande conta na sua terra, dos termos de Marinhais das Ondas, assim se destilavam rancores antigos que o tempo nunca mais apagaria e ainda bem, se dizia naqueles tempos pela habitação emprestada na qual Timóteo Fragos se encontrava a residir pela linda conta de 43 anos. Assim, depois de continuarmos o que temos a fazer, regressemos um pouco ao interior de uma questão que nos preocupa, aqui onde tudo se funde e confunde pela palavra, pelas palavras, através das quais nos expressamos diante do leitor soberano, o que não quer dizer que sejamos serviçais, mas que confiamos na posteridade, para que alguma justiça se faça, sendo que nem só de posteridade vive o mundo, sim, aquele em que vivemos, para além das crenças, coisa que tem muito a ver com o interior de cada um, para além do objeto perdido no campo. E eis-nos, pois, envolvidos numa tarefa, procurando fazer sentido quando existe aquilo que os filósofos pós-modernistas chamam de “excesso de sentido”, mas bom, disso vive o mundo, disso se alimenta e subsiste, fazendo com que as pessoas possam admitir em suas vidas alguma forma de livre arbítrio. Assim, continuava naqueles dias procurando fazer sentido do argumento para este livro, que se poderia resumir em poucas linhas: o nosso protagonista perde-se de desgosto de amor na adolescência e vai para o seminário, depois, cinco anos depois, é ordenado padre e vai para as missões em África; quando regressa, a sua amada tem já dois filhos e está separada, melhor,

está na casa do seu pior inimigo que, ao sabor da liberdade religiosa, havia sido Testemunha de Jeová e agora, morta sua mãe, acolhe em sua casa o antigo amor do protagonista, que se prepara para o liquidar fisicamente, pois diz-se na aldeia que havia também ela ficado louca por amores não correspondido e não realizados. Assim se pode resumir nossa história, mas mais haverá para contar, relacionadas ou não com esta que acabei de resumir. Naqueles dias, estava eu inativo em Fronteira (mesmo na fronteira de qualquer coisa...) e questionava-me porque estava (ainda) ali. Lisboa em Agosto não me dizia nada e sabia que meu campo de ação se estreitara bastante, não só pelo facto de não ter carro. Passaria a vida entre Lisboa e Fronteira? Quantos dias duraria a inatividade? Por outro lado, descoberto este argumento, sabia que o meu destino seria, entretanto, escrever este livro, evidenciar o argumento, trabalhá-lo e apresenta-lo da melhor forma possível. Não podia guardar mais para a noite, esperar por nada sem ter que dizer o que tinha a dizer ao papel em branco, mesmo que corresse o risco de ser mal considerado, mal interpretado. Não sabia quanto mais poderia ficcionar, se estava decididamente preso numa armadilha que seria o neorealismo com condimentos de existencialismo, tal como Virgílio Ferreira e Urbano Tavares Rodrigues. Acondicionado, então, entre o Nada (aparentemente) e o Tudo (o que tinha esperança de jamais poder acontecer), vivia assim, dentro dos limites do desejável, do possível, do alcançável. Recolhido no âmbito familiar, dava demasiada importância àqueles que falavam de fora e pouca importância ao que a minha família me dizia. Não tinha consciência de fazer totalmente parte da família, no entanto estava ali, num *dasein* aparentemente infinito, como se fosse pós-humano não-desejante. Pressentia que me teria de libertar de todos os grilhões do pensamento a que me haviam imposto através da palavra, da escrita, da comunicação. Estava condenado a uma condição de limbo até morrer, isto é, sabia que perseguia para sempre o sonho de viver para escrever e não somente escrever para viver e esse sonho, para além do facto de não estar a trabalhar, estava se tornando real, tivesse eu argumentos para voltar a sonhar com histórias mais ou menos edificantes. Portanto, o que de mais acessível poderia entretanto fazer, seria evitar o registo autobiográfico e desfilas, antes de mais e sem mais pretextos, a história que me trouxe até aqui, a este locus de inspiração. A teia da psicologia retirara muito da minha inspiração, ao disfarçá-la de psicopatologia. Era extremamente complicado. Se nunca tivesse dado olhos e atenção à psicologia, quem sabe teria escrito mais e melhor, sim, ainda me preocupava em escrever mais e melhor, quando outros o faziam com algum sucesso. Porém, também procurava na escrita um efeito catártico

que me aliviasse de males piores que poderiam acontecer. Assim, perseguimos a história de um personagem que se evade da sociedade para carpir e alimentar um amor mais do que platónico, sublimá-lo com cantos religiosos, com preces e orações mais ou menos sentidas, enquanto seu amor de juventude se evade também por entre os vícios da vida boémia de estudante. O nosso protagonista, de seu nome Carpeta, corria também na Fórmula 1, entre aqueles mais conhecidos da época. Assim sendo, resolver empreender uma tarefa do espírito que a mim me cabia, sem olhar a condições, quês e porquês da questão, sem me abandonar ou deixar abandonar ao acaso dos pensamentos que ao meu espírito afluíam, sem que eu os pudesse controlar, pelo que decidi tudo considerar como válido na minha indagação acerca da verdade e credibilidade das coisas, o que escondia também um certo sentido cómico da coisa. Assim, sendo, naquela tarde, tinha coisas mezinhas a fazer, tarefas simples e domésticas a empreender, pelo que resolvi jogar o meu corpo nas ilimitadas áreas do saber e do acaso. Naquela tarde, avancei um pouco mais no sentido de perceber o que fazia ali naquele reduto de Fronteira, o que me mantinha ali, o que me esperava, o que podia alcançar a partir dali seria tão-somente aquilo que poderia sonhar, a partir dali. É claro que me podia deslocar, mas qualquer coisa como o medo da relação com os outros me podia tolher as expectativas. Ora, não tendo razões para estar triste, tão anti-social, porque adotava esse comportamento de recusa da relação com os outros? Estaria ferido de morte? Não, não mais, pelo que tomei em consideração o que aqueles dias que eu mal julgava significavam para mim e para os que me rodeavam. Assim, percebi que estava rodeado por pessoas que não fumam, a não ser o meu amigo de infância Junot, pelo que a situação era deveras estranha, porque eu nem sequer falava quotidianamente com ele. Deslocava-me também pouco ao café, indo apenas para comprar tabaco, pelo que uma conclusão se impunha resultante daqueles dias de indagação profunda sobre o sentido da vida, da vida humana: não tinha razão alguma para estar triste, mesmo que os meus pais morressem de um momento para o outro, nem que caísse o Carmo e a Trindade, não tinha razões para estar triste, pelo que concluí isso mesmo naquele dia, somente abrindo um pequeno manual de filosofia, de simples e modesta e quão sábia filosofia. Contudo, aquilo que me angustiava era algo de pós-filosófico, algo que pertencia a um domínio disciplinar ainda não sistematizado e poderia eu mesmo reivindicar como autor de determinando ramo de saber? Sim, porque não reivindicar um certo ramo do saber em vez de ficar preso às classificações dos outros por mais esforço que tivessem posto na sua disciplina? Deste modo, intui que esse dia quente de Agosto era o

primeiro dia da apresentação da minha teoria ao mundo, pelo que me enchi de coragem para empreender essa ingente tarefa que por mim esperava. Adiei por instantes a minha história para falar naquele dia de aulas sobre o mundo que me rodeavam, longe dos fantasmas cartesianos do cogito, partindo disso mas indo longe e cada vez mais longe. Reconhecia que, realisticamente, vivia e passava a maior parte do tempo numa casa perto dos meus pais. Reconhecia, para não ter razões para me considerar infeliz, que vivia uma vida normal e como outros tinha pensamentos normais e outros menos adequados, reconheci a fronteira ténue entre pensamento e ação, secundado por Ricoeur. Vivia assim num cenário pós-filosófico em que a literatura de que me rodeava era de fraca qualidade, desconhecendo até àquela data uma ou duas obras apenas de interesse. Quanto aos meus amigos e conhecidos, pior bibliografia teriam, pelo que resolvi ser Eu a adiantar alguma coisa de jeito naqueles dias de estio e reflexão. Assim sendo, reconhecia também os risos dos mais pequenos que se estendiam num fim de tarde. Reconhecia toda a extensão de coisas, casas, cães, carros, estradas, jardins, etc, que estavam simultaneamente dentro e fora da minha mente. Dentro enquanto representação gravada indelevelmente ou não, mas acolhida pelo espírito e fora enquanto existência concreta pelo que me era dado observar. E neste sentido organizava a minha mente para também corresponder às expectativas dos outros, que filosofavam ou não, disso não sabia, não queria saber, e nem se quer desconfiava, pelo que decidi tomar como ponto assente que não me iria interessar mais quer pela minha pessoa, que julgava à época ser um filtro da realidade circundante, ou pelo menos ter comigo um filtro que filtrava a realidade e a deixava cair no espírito enquanto representação do mundo real, do *dasein*, como conjunto de coisas ou de coisas isoladas. Nem tampouco me iria interessar pelas coisas dos outros, pois a mim não me diziam respeito, como as minhas coisas não diziam respeito a outros. Tenho de explicar melhor este ponto: ao mesmo tempo, aquilo que eu era e não era, interessava e não interessa aos outros, ou seja, aquilo que os outros representavam ou não, a mim não me diria respeito não apenas enquanto espetador atento, mas como ser *existente*, para usar a expressão de Lévinas. Sendo assim, decidi dar azo à torrente desenfreada de sentido e de palavras que me inundavam naquele dia. Olhando para trás, tinha muito a ganhar com continuar a fazer o que estava a fazer, a ser insistente comigo próprio, porque talvez tivesse mais para contar do que muitos dos meus contemporâneos e não insistia senão apenas da relação entre teoria e praxis que perturbava os meus dias como que fazendo um diagrama, um esquema, uma rede, daquilo que ocupava o meu espírito, sabendo bem que

tinha bastante sorte em estar vivo para contar a minha história. No entanto, padecia daquele mal que todo o escritor deseja sofrer e que se chama inspiração, ou iluminação, substituindo outros como rinação e pessimismo. Na realidade eu estava obcecado com a morte e percebi que isso não fazia qualquer sentido, pelo que resolvi viver a vida em vez de, mais uma vez, esperar que a minha vida fosse vivida por outros. Era assim, autor de pensamentos, palavras, omissões, como queiram, e disso tinha extrema delicadeza e consciência, sem que não faltasse por ares divinais um certo sentido de humor à peça, já que seria para isso também que a minha história existia e por isso mesmo devia ser contada. Naqueles dias tudo havia posto em suspenso, fora além de Descartes e agora tinha de me justificar, era essa a minha sina, tendo posto tudo em causa e nada tendo perdido, é porque alguma coisa de valor tinha a minha prosa, pelo que aquilo que designei como um cenário pós-filosófico fora uma expressão cunhada pelos tortuosos caminhos da mente (da minha e da dos outros) naqueles dias que também haviam sido de sofrimento, como se fosse ter um filho e fosse mulher. Sendo assim, adiemos a história para o final do livro de modo a que corresponda ela a algo de sinuoso e difícil pois assim custa dificilmente o tempo a passar, umas vezes porque temos de viver, outras porque nem interessa ao menino Jesus a vida dos outros. E nesta relação entre o **eu** e o **nós**, entre o **eu** e os **outros**, esboçamos a nossa teoria, enredada como insetos dedicado à sua causa, como talhante que conhece todas as partes, mesmo as mais íntimas, dos animais que manda abater para venda e recebe no seu talho. Neste sentido, continuamos a esperar que haja alguma fé por entre as palavras que debitamos, pois que estes dias de reflexão são ótimos para demonstrar o nosso sacrifício e dedicação à causa literária, a que não é alheia uma boa dose de boa vontade e talento. Assim, de um jato frutífero continuei a dar livre curso aos meus pensamentos. Aquilo com que sonhava poderia realizar-se e o que eu sonhava por enquanto não o direi declaradamente enquanto percorro o meu espírito que se espraia na noite, enquanto cresce a vontade de viver o dia de amanhã. Onde estaria o meu corpo amanhã? Onde estaria o meu espírito amanhã? De que forma transmitiria os meus sentimentos, os meus temores e vaidades? De modo a estancar ou a frenar o livre curso dos meus pensamentos teria de me socorrer de vários autores e de várias leituras já feitas. Mas nem isso me dizia já respeito, estava imparável naquela noite em que ela chamou por mim. Por diversas vezes me havia interrogado sobre a minha estada aqui nesta terra que é sobremaneira palco de múltiplas interrogações e a que por uma ou outra vez baixamos a guarda, como soldados do saber. Muitas questões ultrapassam-me, outras ficam-se ao meu

alcance, para que possa analisá-las, convertê-las em qualquer coisa de pensável. Assim, quando ela me chamou eu tremia por dentro, num surdo rumor de inquietação e pavor. Tinha receio de encontrar o amor e uma vez encontrado, tinha receio de o viver. Não fazia a mínima ideia do que se passaria mais tarde, dias depois em que me voltei a encontrar com ela, depois de uma corrida de alguns quilómetros, numa noite de verão, ainda. Sabia que muitos dos meus problemas, grande parte deles, se deviam a lacunas da juventude, mas não era tanto assim. O meu espírito percorria caminhos insuspeitos, inimagináveis, eu estava aturdido de tanta compreensão, aturdido com o génio que me transportara àquelas instâncias do pensamento. Mais uma vez, o meu pensamento estava fora do pensamento, livre como uma ave, uma águia, livre como um avião com combustível suficiente para dar livre curso aos pensamentos. Assim, não esperei por mais e beijei-a naquela noite em que fomos jantar os dois e passámos pelas margens do Sena. Ela regressaria cedo ou tarde para sua casa e eu ficaria ali rendido à evidência de a amar naquela noite de verão.

Tião dormia a sesta ao ar livre, depois de uma manhã esgotante nos campos. A sua presença arrasadora fizera-se sentir durante aqueles dias em que se debatia consigo mesmo, sabendo que era perseguido por uma estranha doença que o impedia, qual mal de Montano, de se exprimir livremente sem ter medo de represálias, como faziam os outros, alguns dos outros, em variados e diversificados contextos. Percorria assim, os caminhos que me eram permitidos, mais alguns necessários à minha identificação do local. Naqueles tempos difíceis, a solidariedade era coisa rara, somente se via entre os bombeiros. A tv dava uma imagem tristemente real dos factos, não somente através dos telejornais, mas sobretudo através das telenovelas, talvez se devesse ao fenómeno da internet, perda de afetividade nas relações, enfim, coisas que não me diziam respeito senão indiretamente. Tinha a cabeça entregue à realidade, para o que desse e viesse, entra Fronteira e Lisboa. Depois, entrei no mundo virtual e fiquei de novo dependente de uma máquina para levar a bom termo o meu quotidiano, pelo que essa dependência não me era estranha e a encarei com alguma lógica e sentimento, depois de ir ao café e à cidade mais próxima. Admiti que existia muita coisa para além do meu pequeno mundo, como o mundo de Matilde e Rafael, por exemplo. Existia para mim um certo mundo que me estaria ou não reservado viver. Era apenas uma questão de tempo até que as coisas voltassem ao normal. Voltei à noite ao meu poiso temporário, equacionando questões como uma casa onde vivia que não era minha, projetos para o futuro,

que reapareceram depois desse dia de Agosto, que não revelarei desde já mas que me poderão levar de volta ao trabalho e às escolas no prazo de três anos.

Tentava, então, perceber o que me levava à situação de coisas naquele tempo e naquela condição. Qualquer coisa me abatia, estava passando por algo a que decerto estaria destinado e desta vez mão podia fingir o destino. A única coisa que me restava seria a literatura, algo parecido com uma forma de expressão que não se tentara até então. Fatalmente, a minha vida tinha sofrido um sério revés e estaria eu pronto para algum género de ficção? Não fugira, porque não tinha fuga possível para o que me havia acontecido. Arranjava pretextos para me sentir feliz, todo e qualquer pretexto servia. Enquanto isso, a autoridade de saúde procurava por mim porque eu mantinha um segredo que eles queriam saber. As minhas palavras estavam saindo desordenadas, tal como os pensamentos, estava naquele dia do ainda verão em pânico e sem saber como resolver os meus problemas, quando entrevia um fim de vida entre livros e música. Oh! E como estava farto daquela vida, mas sabia ao mesmo tempo que seria difícil arranjar trabalho, para além de outras coisas que toda a gente acaba, salvo raros exceções, por conseguir.

Enquanto isso decorria, Antenor procurava alguma forma de explicação para o que lhe acontecera. Era difícil sair definitivamente do âmbito da família. “Talvez não fosse aconselhável”- dizia-lhe a irmã Fátima. Como não tivesse emprego, a sua relação com as pessoas de cada dia era puramente formal, não tendo em quem confiar os seus rumores, medos e feitos. Parecia que a sua mente tinha dois registos, um para si mesmo, cujo profundo egoísmo ainda não abandonara, e para os outros, para cada um dos outros com quem entabulava conversação. Depois das dívidas que contraíra, Antenor nunca mais fora o mesmo, andava de porta em porta, como se procurasse a redenção em cada porta, sem nunca jamaias o ter conseguido, pelo que se entregara a uma forma particular de navegação no inconsciente coletivo e ao mesmo tempo tinha a sua intimidade esfrangalhada. Mas prosseguia, não acreditando no que os seus olhos viam, pelas ruas da sua cidade e da sua aldeia, umas vezes conforme os outros, outras vezes apenas conforme si mesmo. E como era difícil viver naqueles tempos! Tempos de crise económica, mas também moral, a que Antenor não fora alheio. Sim, tinha a sua porção de culpa no que se passava, como muitos dos seus conterrâneos. O pior é que não tinham inteiramente culpa, se havia sido seduzidos por uma vida mais fácil, ainda que não plenamente programada, e talvez foi esse mesmo

fator que estivera na origem da desgraça. Talvez fosse uma culpa coletiva que o desculpasse a si e aos outros, pois na verdade, como os outros, apenas lhe interessava salvar a sua pele. Como todos e qualquer um tinha essa intenção. A sua relação com o pai era neutra, assim sendo. Sua mãe Glória valia-lhe em muitas coisas mas desde que se metera em disparates, há muito que esta deixara de ser sua confidente e nem a irmã o era mais. Mas mesmo assim, era com elas que mais contava, enquanto Fragonard, o irmão mais velho, vivia a sua vida relativamente separado do núcleo familiar, alheio a muitos dos seus dramatismos. Procurava então, Antenor, alguma forma de inspiração de modo a poder retomar um ritmo de trabalho relacionado com a escrita, sempre aquilo que quisera fazer. A sua vida passada havia sido um labirinto de que se atrevera a sair por artes como que divinas, pelo que procurava num espaço novo, feito no lavar da mente, qualquer coisa como um projeto, como este livro que aqui se plasma. Nesse espaço relativamente novo, Antenor procurava como que um novo fôlego para a sua vida, entabulado com várias pessoas, desde a mais pequena Inês ao seu amigo Francisco, que vivera com ela grande parte da sua infância, é claro que tinha muitas recordações que ensombrevam outras mais positivas, e era através destas que via a sua vida passada, mas a este ponto não havia mais nada a buscar no sótão, quero dizer, haver sempre havia, tanto que se escarafunchasse na memória, mas talvez não interessava, pelo que nos lançamos noutros âmbitos ainda inauditos na nossa narrativa. Assim, no dia em que Antenor decidiu sair de casa para trabalhar, não tinha a ajuda de uma namorada, mas tinha a de sua família, o que talvez fosse mais importante e ainda que permanecesse sozinho longe desde fisicamente, estava ligado sentimentalmente a eles, por mais discussões e zaragatas houvessem. A questão é de saber se este livro, depois de tantos outros, haveria de avançar para qualquer forma de intriga, novela ou romance ou até simples ensaio filosófico ou etnoprosa. Fumava um cigarro pensando na seguinte narrativa, naquela em que Octávia regressara para matar Antenor. Há alguns dias que o seu carro não estava à porta de casa do seu vizinho Brasfemes, qualquer coisa se havia passado. Continuei, então, convencido de que a minha estada na base de trabalho, naquela padaria, pudesse render-me o dinheiro necessário a uma determinada emancipação, mas precisava de uma terapia de choque ou, por outro lado, já tudo havia perdido e agora, então, apenas, dizemos “apenas”, teria de recomeçar. De uma forma ou de outra, procurava no meu dia-a-dia corresponder da melhor forma, e o que mais me intrigava era que estava sem dúvida ficando um pouco sábio pois agora sabia dar valor a coisas que sempre tive, precisamente porque não as tinha. No entanto,

como não se pode ter tudo, lá continuava a minha tarefa de viver, entre crianças, duas de Octávia, que me preenchiam os dias enquanto tinha imenso trabalho para fazer, imenso que ler e que escrever. Apenas queria fazer isto, eu sabia e os que me estavam à volta sabiam que o que sempre quisera foi, como Lobo Antunes disse um dia, escrever, fora sempre escrever que eu mais queria e viver desses sabores e cheiros da escrita todo o tempo, para dar forma a qualquer coisa que estava fora de mim e que eu mesmo sem realizar entendia, embora não da forma mais evidente.

O nosso protagonista, depois de ter jogado fora uma vida de aventuras e sucesso, procurava agora equilibrar o barco em que ia pelos dias numa bonança que se poderia revelar proveitosa, quando pensava, na solidão que nunca matava porque nunca seria definitiva como a morte, nos anos que tinha passado e nos anos e lugares que tinha ainda para perfazer. Seria como que um *copycat* de Saramago, mas ia além disso, descobrira nos seus dias uma forma de cumprir seus desejos que alimentava nas noites em que dormia, ora abundantemente, ora por insónias que lhe acarretavam ao espírito. Depois de chegar a casa, na Quinta do Bardot, Voltaire passeou-se um pouco à noite pelos jardins do palácio, isto não se trata de escrita criativa, tentamos dar algum realismo à nossa narrativa, de modo a que os dados não pareçam falseados e não só porque ainda não exercitámos suficientemente a nossa imaginação, por razões diversas, mas também porque de algum modo só conhecemos verdadeiramente aquelas coisas que de um modo ou de outro fazem parte da nossa experiência. Mas gostamos de nos contrariarmos a nós mesmos e a outros que tal defendem, que a experiência não será apenas a única via legítima do conhecimento das coisas, da natureza das coisas. De quando em vez, o pensamento fugia-lhe da mente, de modo a ficar desguarnecido o corpo, se subentendermos que a mente protege o corpo e não o contrário. Nessas ocasiões, achava-se um ser ao mesmo tempo feliz e desafortunado, pois não era capaz dos sentimentos mesquinhos de muitos outros, diria mesmo da maior parte dos outros. Noutras vezes, o seu pensamento abatia-se por vozes inauditas, por um sussurro da mente que o atordoava e lhe calava a voz da consciência. Nunca fora um adepto particular de George Steiner. Talvez as suas palavras e conceitos se estivessem coisificando cada vez mais, a pouco e pouco, no sentido de rebentarem um ser novo a partir delas, de expelirem um Ser novo que teria daí em diante uma existência própria tal como o seu antecessor. Este fantasma de Saramago que o nosso protagonista parecia protagonizar teria o epílogo num fim de vida numa quinta, escrevendo, depois de uma vida de trabalho entregue ao estado, à semelhança

do seu mestre... Nesse tempo, o seu sobrinho, declaradamente, tinha lupécia, uma doença do cabelo, de origens desconhecidas mas que se relacionava com o sistema nervoso. Não querendo entrar em alarmismos, o seu sobrinho viajou nessa tarde para Paris junto com dois dos seus amigos.

## II.

Longe que estava dos pruridos morais que me afligiam noutros tempos, pude prosseguir minha tarefa de indagação literária e filosófica num espaço noturno, através das nuvens do algo bem-estar que podia usufruir nesse tempo. Muitos, desde bombeiros a polícias, tinham mais trabalho do que nunca e eu ainda estava convencido de ser uma pessoa honesta, fazendo disso alarve para toda a gente, como se tivesse de provar a toda a gente aquilo que sou e o que não sou. Nesse tempo, a minha nação, diria em estilo apocalíptico estava um pouco farta de pessoas como eu, diria, que muito falam e pouco fazem, mas o certo é que muitos estavam nessa situação e definitivamente eu ainda fazia alguma coisa sobretudo porque não havia baixado a guarda de certos princípios. Entre tradição e pós-modernismo, viajava nos vagões do tempo, ovelha após ovelha, como se fosse um pastor noctívago que tinha insónias não sei bem por que razão. Havia uma certa razão no dito que me fora proferido de ter tento nas palavras, enfim, como já estava ficando velho, *aquiesci*. Mas para tirar tudo a limpo, bebi uma três cervejas naquela noite, enfim, poderão dizer que defendo bebedeiras e num certo sentido até há razão nisso, talvez os jovens se soubessem divertir tão bem como nós em jovens. Nisto, já que a escrita, como muitas outras coisas, está dependente da boa disposição da pessoa, resolvi entrar mais numa noite, dado o deserto da minha existência, de modo a chegar a conclusões mais positivas do que aquelas que tivera tirado do que é a minha mente e o meu sentir naqueles dias de final de verão. Naqueles dias se registava um aumento do número de incêndios e eu ficando parado ser ter algo de significativo na minha existência. Ainda podia estudar filosofia com os últimos tostões que faltavam. Mas quem ligaria a isso. Procurava um lugar na história? Numa história de que eu desconhecia os contornos. Estava feito, naquela noite ficaria a ouvir música até cair de cansaço na cama. De uma forma ou de outra, os salamaleques continuavam, dia após dia, pelo que Teodoro, homem sábio, santo e paciente como poucos, persistia com um conjunto de objetivos que lhe era dado observar e compreender, não ousando reivindicar coisas e bens para si, entre um bando de oportunistas que por ele passavam, e isto de dizer a verdade tem os seus considerando e mergulhado na verdade que fede estava também o cientifismo de Voltaire, parece afinal que cada revolução tem de se provar todos os dias e tem o seu preço no futuro que do se lhe segue. Havia então Teodoro chegado à superfície e compreendido a

razão das histórias que não chegava, que teimavam em chegar umas, teimavam em partir outras. Entre o virtual e o real, entre o que os outros pensavam e a simpatia das coisas e das pessoas, oscilava local e globalmente o seu espírito persistente e positivo, sabendo que as palavras proferidas apenas eram à partida a negação da realidade e tinha consciência de si e do seu romance que aqui se segue, nos sentido de continuar a tarefa empreendedora, sabendo-se feliz com pouco, enquanto alguns salamaleques não se contentam com o muito ou pouco que têm, sendo natural que cada qual procure sempre novas condições e qualidade de vida. Do lado de lá na vida das pessoas que o cercavam, Teodoro tinha dificuldade em levar a sua avante para progredir num caminho de ilustração. Sabia que suas palavras no quotidiano estavam entre o neorrealismo e a fenomenologia, isto de filosofar com calor e fome não tem nada de equilátero. Sendo que só estava bem onde não estava, Teodoro procurava Deus sem ter de como Fausto, entregar a alma ao Diabo, mas estava além disso, procurava um transporte físico para outras latitudes, mas havia que ter paciência e persistir por enquanto nestes tramaleques em que se via envolvido, sendo o seu pensamento intermitente como a vida, a pulsão de vida e morte, os batimentos do coração que com água se alimentavam com vista a uma visão contemplativa da vida, coroada de proveito económico, isso é que seria, depois de considerar a batalha perdida, bem podia a morte ser uma sua vitória, caso voltasse a andar de camioneta. E assim conheceu a ansiosa Rebeca, parecida com umas bonecas suas com que se divertia em pequena, e enfim, procurava não fugir às suas responsabilidades de padrinho de vários miúdos, sendo que apesar da sua vida algo atribulada e com alguns pontos negros, tinha chegado aí a cara e as mãos lavadas. Tinha tentação de fazer doutoramento em Coimbra, pois não esquecera decididamente a questão, mas como não tinha dinheiro, contentar-se-ia em fazer um mestrado em ensino de filosofia para poder alimentar a sua alma romântica e a ideia de envelhecer enquanto professor, para além em mesmo por causa das críticas que lhe choviam a potes. Sendo assim se juntaram Teodoro e rebeca no seu jantar que falávamos acima e desenvolviam projetos em segredos, que somente quando realizados os outros veriam, pelo que entre obsessão e secretismo venho o Diabo e escolha, sem que a ele nos entreguemos do pé para a mão a não ser por boa razão, ou seja, do Bem próprio e dos outros. A crise que grassava neste mar económico era geracional, parecia-lhe e isso mesmo defendeu num artigo que havia escrito à soberana revista norte-americana “Thought”, tendo ganho prémio pelas suas 45 extensas páginas vertidas em inglês para inglês e outro ver. Se cheirava mal era com certeza o cheiro da

verdade e muitos mais havia que provar porque o desejo de glória assim a isso obedecia, o grupo e o indivíduo não existia, existiam vontades e salamaleques de toda a ordem, já não nos bastava Deus que só nos fazia rabiar, mas enfim, não nos queixemos e não coloquemos de parte um sentido prático e positivo em tudo o que se faça por mor de desejo interior. Entretanto, para que não nos fuja a boca para a verdade, é bom que arranjemos argumentos para defender a tese do nosso texto. Entretanto, continuamos a dar conta de fugas de informação que escapam ao nosso pensamento e será por isso mesmo, pelo fato de escaparem, que delas queremos dar conta. Uma escrita seca, concisa, aritmética, matemática, está ao nosso alcance. Assim sendo, dado que este texto não pretende ser um diário, podemos dizer que a partida de Teodoro e de sua amada efetivou-se no mês de Janeiro, no final, a partir da costa de Lisboa, praia lusitana sem igual. Neste momento, não havia preocupações para se fazer o que não se aprendeu a fazer, sendo que aquilo que se sabe fazer é doravante e desde sempre muito mais importante e científico do que o que fica por fazer, sendo que a perfeição se busca nesta cana de pescar onde se procuram fenómenos marinhos sem par, pois sabemos que nosso mar está cheio de boa pescaria e de outras iguarias benfazejas para a saúde daquele que se aventura num Mar de Sargaços.



### III.

Naquele dia percebi que nada mais me poderia apouquentar e que não só a teoria como a prática era minha e que as teses apenas refletem o momento e não são ilustrativas do melhor modo de texto e que dependem apenas de fatores económicos. Outros tipos de texto, muito mais geniais, dependem mais da inspiração e menos do dinheiro. Depois, descobri porque é que neste momento, não há direito de casamento gay na Itália. E porque é que o meu clube nunca me deu uma camisola, apesar não só de correr por eles, mas também por ser sócio do clube. Verdades que cheiram mal, diga-se. A pouco e pouco, conquistava o respeito e a ilustração dos outros, o meu Ego não estava vencido nem sequer convencido, muito menos isso. Ainda assim, muita gente, apesar de eu lutar pelos seus direitos, me rechaçava e desfiava de mim, tendo mesmo inveja. Assim, continuei naquela noite a destilar o meu ódio, convencido de que um destes dias me apareceria um personagem, sabendo eu que o meu estado naqueles dias era sem dúvida alguma sacrossanto. A minha vida podia durar dias. Podia durar anos, a partir de muitas e noites e muitos dias. À distância, percebo como as coisas podem ou não acontecer. Pouco a pouco, nas coisas que procurava, pretendia ser o mais coerente possível com o meu percurso, tende chegado à tese da união entre antropologia e filosofia, entre saber prático e saber teórico. A minha insistência em preservar no sentido da evolução, no sentido da manifestação em palavras daquilo que não se podia dizer e que pertencia ao inominável, bastava para ter uma alma servil para comigo. A pouco e pouca caminhava para o fim, sendo que a minha visita a Paris havia-me custado caro, mas eu não definhava, a minha esperança era proporcional à passagem do tempo. Há dias que não usava a internet e minha vida situava-se algures entre esta e a realidade social. Mas continuava, entretido com as minhas conjeturas, visto que nada mais me facilitava na vida, ou interessasse verdadeiramente. O meu sobrinho entra agora em cena e a mim é motivo para reflex-(a)ção, pensando na vida que tive e tentando anular os maus sentimentos acerca das pessoas e de mim mesmo no passado, procurava então viver o dia presente, controlando a minha libertação de certos vícios, fazendo-me sábio instruído, entre o cientista social e o ficcionista. Agora sabia que estava dependente das minhas histórias, dependendo ou não haveria de porvir nalguma forma de fruição. Depois de vários dias, suspenso, a minha história estava ganhando vida, sendo mais forte do que a ficção, no sentido da realidade que eu próprio antevira, muitos diziam que mais valia estar calado. Mas estou apostava cada vez mais no futuro, no mundo depois de mim, procurando não me hipotecar deste mundo. De

modo que uma trama bem grande nos esperava quando estávamos descansando de maleitas próprias do mundo moderno, bem queríamos estar num cenário mais bucólico, mas este que temos por enquanto bem nos parece mais genial, mais adequado. O nosso amigo Teodoro está distante, numa ilha onde só podem circular comboios e helicópteros, só pode entrar uma só pessoa de cada vez, isto de viver numa ilha é qualquer coisa (foi o que aconteceu com Robinson Crusóé) que desafia a imaginação, é dor a torto e a direito, não importa como nem o quê, é um ver se te avias de mulheres, é o sonho de qualquer homem, elas rasgam-nos a roupa sem qualquer pudor e invadem nossas almas de prazer e benfeitorias. E assim chega um homem com os seus 56 anos, portador de boa disposição, jovem como poucos, animador dos outros e chega a essa ilha onde mora agora Teodoro, pois que ficou sem a sua Valéria, eram tantas que ficou sem nenhuma, num estado de carência e impotência de que nem sequer queria falar. Numa segunda-feira, chegou um americano com sua mulher a fim de passar um fim-de-semana, não para surfar que isso seria na Nazaré, distrito de Leiria. Chamava-se ela Victoria, ele James, como James Taylor e William James, com o jogador do Porto que se foi, porque afinal de contas quem manda é o regime e esse regime é liberal, defende então o génio e a iniciativa privada, ao contrário do que defende o Bloco de Esquerda e a CDU. E passaram depois dois russos, mulher e marido, que se cruzaram na ilha para intercambiar informações, para benefício dos registo de Teodoro, que agora não estava assim tão bem convencido que apareceria do pé para a mão uma sereia alta e bem-disposta. Naqueles tempos, éramos tremendamente honestos para com a realidade, aquilo que se passava com a nossa mente e a confusa mente dos outros, portanto isto já é fazer um juízo de valor sobre os outros, mas que se dane, estamos fartos de sermos críticos de nós próprios, não queremos ganhar nenhum prémio nobel da humildade literária, porque ainda estamos vivos e ocupados numa atividade que, sem florilégios literários, nos dá prazer e reconhecimento, que ajuda as pessoas a compreenderem o que se passa, para além da política e do futebol e das touradas, já agora e isto vem em detrimento do nosso novo Ser, que é amigo de cavalos e o outro Ser que tem o nome do país imperialmente mais poderoso que todos na terra, sim, Sam, por vós escrevo estas palavras no fim da minha jornada, pois estou ferido de morte mas não morto, vivo até à morte permaneceréi, para bem das estatísticas que venham a desenhar alguma coisa de especial para este novo. Procurarei um *link* perdido quando não tenho ideia certa e matemática de o ter perdido, talvez volte para uma ilha, ou para Fronteira, um dia mais tarde, fazendo prepotências do meu destino, alavancando os pulmões no coração para

me aguentar acreditando em qualquer coisa de novo, bom, de existente. Decerto que há outras pessoas como eu, que mesmo numa ilha acreditam no poder da palavra, pois essa permanece para além da morte, envolvendo-a, valorizando-a, fazendo com que seu autor não só permaneça vivo no coração dos seus descendentes, bem como, apesar de não ter filhos, fique lembrado o esquecido, tanto importa, no coração de que mais procura a imortalidade. Sendo assim, deixarei aqui algumas palavras e conceitos sobre os quais deverá este personagem na ilha e por detrás do espelho “refletir”. Assim, juntamos ao nosso cozinhado alguma dose de boa disposição, faltará a descrição literária aproximada, tipo grande plano, dos objetos e personagens que diante dos nossos olhos se apresentam, portanto avancemos resoluvelmente para que cenário, de modo a evitar pontos negros e quejandos desastres. Eis, portanto nossa narrativa com duas crianças, sendo que aquilo que perdemos jamais se reconquistará, isto tem de se fazer caminho, subindo ou plano, que seja consistente conforme o interesse das coisas que se procuraram e depois, não simultaneamente mas **depois**, se acham.

#### IV.

Como São João da Cruz com os anjinhos, Teodoro andava com Voltaire às turras, para inveja de Celeste. Continuando a narrativa, descansemos nossos olhos na futilidade das ambições humanas. Temos uma natureza morta e um golpe de génio que nada tem a ver com romances criminais, mas antes com uma forma particular de entender as relações humanas, que não estará dito em escritos futuros daqueles que julgam que não temos inspiração, na verdade, partilhamos da ideia de David Lodge de que a crítica pode prejudicar a produção literária. Mas depende da identidade que se assume. Se se assume a de escritor, está tudo bem. Se se assume outra, melhor, se se apresenta ao quotidiano dos outros, outra, o caso já é diferente, a função já é distinta, o objetivo do sujeito sendo na verdade extremamente díspar da intenção do ator. Assim sendo, na sua ilha, Cipriano Voltaire procurava por alguém que lá não habitava, talvez a presença de um ser superior a si mesmo, de um ser encantatório que se desvaneceu, a uma forma de conviver, de estar, de tocar, de sentir, de pressentir, como se a escrita se desguarnecesse cada vez mais à medida que evoluía na linha, no tempo, transformando ao mesmo tempo como algo que deixou de ser intermitente e que é tão fraco quanto forte. Assim, para além do obscuro, há muito mais vida, para além do olhar vidrado de desejo, há um corpo que ainda deseja, não nos iludamos, ainda deseja pela vida que há nos olhos dos outros. O nosso tempo seria então a transformação do tempo dos outros, na medida em que teríamos algo de completamente novo no horizonte, para além de Cristo, Maomé e o Anti-Cristo de Nietzsche. E quem seria esse digníssimo ser que se aprontaria em cena? O caminho linear das palavras nos levará até el@...

Sim, já o dissemos atrás, o nosso personagem procura um enquadramento, sabendo ele que está já o bastante enquadrado e que nosso torpor, arrancada e resolução vai no sentido de afirmar aquilo que jamais terá sido afirmado, importando as consequências pois escrever tanto quanto se sabe não é crime, tudo menos isso, é qualidade e genialidade, como um trabalho de aquilatação de diamantes em brutos, sendo que nossa escrita se está transformando algo de linear e espaçado conceptualmente, mas nesta altura do campeonato o adversário terá caído já em *wa'sari* ao tapete. Prosseguindo então nossa narração, muito há para dizer de Cipriano Antenor, conhecido entre os amigos simplesmente por Antenor, que procurava vingar na vida através da energia dos seus companheiros, pelo que depois de

passado esse tempo na ilha onde deixou Teodoro, um pequeno rapaz teria aparecido, mais tarde ou mais cedo, na sua vida, a que dava o nome de filho e que tinha os olhos brilhantes de amor-próprio, descobrindo que a vida vai muito além da nossa obsessão com o que é e o que não é masculino, sobre as opções sexuais das pessoas, que a todos e em primeiro lugar a si próprios diz respeito. A solução para o crime enigmático que ocorrera em 1976 vem de um país do centro da Europa e teria vindo Sherlock Holmes e a CIA espiar primeiro o Brasil e depois Portugal, de modo a sacar informações sobre um perigoso criminoso que teria iludido Antenor quando da sua passagem pela ilha, pelo que o regresso à vida normal ainda se estava por fazer. Mas expliquemos. A criança terá passado diante dos olhos de Antenor ao mesmo tempo que terá passado pela viseira abjeta do criminoso, que ousou raptar a criança e que maior medo haveria do que este, ser raptado, a nosso caso veio a ter solução quando à inocência iniciar e pânico subsequente se seguiria um “organiza-vos de modo a deslindar o que se passava no sul da Europa em termos de moléstia de menores, turismo sexual e rapto. O que aconteceu na ilha foi só um pretexto, a ponta do iceberg, como, disse a polícia, que Portugal é país de decência e decoro, diria o primeiro-ministro, secundado pelo silêncio do Presidente da Republica. Assim, ora jogamos mais luz sobre o nosso passado, ora o escondemos debaixo de terra, bem enterrado para que dê flores um dia destes mesmo que em pleno cemitério, pois a questão não é para menos, também eu não vou há bastante tempo a um, talvez precisasse porque ando pensando como todo o artista naquilo que é mister fazer, ou seja, evitar a morte, a minha e a de qualquer semelhante, mas por vezes os outros são mais malucos do que nós, têm sangue na guelra pelo pouco que fazem e pelo muito que criticam, isto não tem nada de paralisia, ou terá para quem estiver a ler, pois então, que interprete o leitor à sua maneira, que temos uma encomenda pronta que chegou agora da Nova Zelândia e outra da Papua Nova-Guinés, onde o nosso amigo Jaime ganha a vida e o fio soltasse, “ainda bem que temos um pega, diz Francisco, “ainda bem que temos fio”, diz Teodoro e com isso não perde o fio à meada. E depois da Missa diria o pároco a um circunstante já fora do adro e das urnas de voto, “este chama-se feijão que tem fio”, aquele “bacalhau que tem rabo” e aqueloutro “ a couve que tem talo”, miséria, foge-nos a boca para a verdade, isto de ser-se cronista sem rede tem muito que se lhe diga, até esse tipo de rabechisses que encontramos, à partida, um pouco por todo o lado e a que nos agarramos para um riso sarcástico e compensador. Nessa medida, o nosso Teodoro, em vez de se converter em Voltaire, pensou duas vezes na questão fundamental: a imortalidade ou uma vida perene na

terra. Estranho e difícil desafio, a que não estava habituado, pois pensava que o tempo lhe traria alguma forma de justiça, pelo livre-arbítrio, ou pela simples consolação através da expressão-conceito “Deus não dorme”. A Europa do Sul estava sendo infestada por um pensamento laico e progressista, liberal, queria-se a liberdade e o lucro a qualquer preço, sendo que o contraponto disso tudo seria a escravidão laboral à mingua de um subsídio de desemprego, quando ele existia... é que à força de pensar tanto positivamente acabamos por ser transformados em pessimistas de alta categoria filosófica e metafísica. Uma parcela de bem-pensantes no nosso país dedica-se a fazer lucro, todos acham que têm a solução para os problemas armando-se em S. Sebastião, inchados por perceber a lógica sociológica de um país, o mais das vezes são “tudógos” que de tudo ou nada percebem pouco ou nada, normalmente atreitos ao quinto poder para fazer vingar a sua falta de talento e teoria, bom como a práxis, habituados a dizer mal do seu país em todo o lado, inclusive no estrangeiro, como se a sua relação com a herança fosse de amor/ódio e não evoluísse, não passasse disso, como se a lei comportamental permitisse uma alavanca para gerir estes dois extremos em que não havia margem para folga e rendibilidade, para imaginação, para algo de positivo como por exemplo um Sousa Tavares. O governo estava em férias, entretido em dar prémios, os autarcas preparando-se para as eleições regionais, que iriam, no que ao narrador diz respeito, ser mais do mesmo, não que por vocação fosse político, mas que o era à partida por pensamento e enfim disso se retirou Teodoro muito depois de ter deixado a ilha. Mas avancemos para uma análise mais cuidadosa dos teores e teorias das nossa personagens, como se o nosso enredo tivesse por vocação ser uma cartilha que fizesse estalar o verniz de ouro e diamantes de um país negro e pesado, mais feio que muita mulher bonita, e é que não há muitas por aqui, pelos vistos são todas feias ou interesseiras, mas enfim, já da ilha havia Teodoro saído, pelo que tinha de avançar para outra forma de sociabilidade, dado que não se considerava um Voltaire ou mesmo um Cipiano Adamastor que haveria de reconquistar mares perdidos ou espaço de mar como o das ilhas Selvagens. Muito haveria a dizer no que à política diz respeito em geral e em particular aos mamões que como sanguessugas vampirescas estavam adormecidos debaixo do chaparro do poder. Parecia que o povo estava rendido a esse status quo de inutilidade quando os mais jovens lutavam pela vida e os mais velhos perdiam direitos, era um grassar de violência psicológica na escola, na Igreja, na política e a isso se resumiam aqueles políticos dias de verão, em vésperas de rentrée política, não havia nada de fraturante, que dividisse para reinar a sociedade portuguesa, os políticos

entregavam prêmios de visão chorudos a quem vivesse do humanitarismo e sete cães saltavam às costas e pernas das pessoas, disfarçados de fiscais do IRS. No que a isto diz respeito, o bom novo aqui do autor estava ficando pesado de transportar, mas talvez fosse o peso dos anos e a força das ideias que talvez estivesse vindo ao decima, tudo o que é bom vem ao decima e então a resiliência deste cidadão autor de pensamentos, palavras, atos e reverberações apresentava-se de uma maneira inaudita que se devia fazer ecoar por todo o atlântico, muito para além do mar de Sargaços. E que fazer à literatura? Ser escravo ou não? O que haveria mais a conquistar para além da filosofia dos dias e das coisas tais como palavras e conceitos, sendo que as cores faltavam àquele país de brandos costumes na madorna de todos os dias em nome de uma vida longe e perene, para cumprir não sei o quê em nome desse novo Ser que agora chegava à superfície, no estranhamento e entranhamento das paixões e das palavras que se seguia a um retirada de causa de sentimentos diversalmente contraditórios, à margem de qualquer classificação moral, quando o fastio da religião não nos contagiava e dizer que tínhamos sem dúvida alguma bastante respeito por esta via de conhecimento, esse tudo, como diriam alguns. Por isso havia “tudólogo” e filósofos (sendo que o filósofo poderá ser um tudólogo do pensamento...), carpinteiros, canalizadores e pedreiros, empregados de mesa em esplanadas de bares e coisas quejandas, coisas semelhantes talvez se escrevessem ao longo longe dos dias daquele verão inacabado e cansativo, que quase no tirava a vida à custa de muito e brutalmente coisas acontecerem diante dos outros, como o caso daquele incendiário Mico, que fora preso e julgado atear vários fogos, enfim era a condenação para um país que tinha o seu bastante quê de animalidade e negligência que bradavam aos céus.



## V.

No tempo em que escrevíamos esta prosa, a nossa vida degredava-se economicamente e talvez moralmente, mas um autor nunca se queixa e apesar de tudo, sentíamos felicidade e bem-aventurança em poder pensar e escrever, por haver ainda liberdade de expressão no nosso país. E que se dane a crise, há muito mais vida para além da crise! E quanto pensávamos tinha a ver com a relação entre literatura e poder, estávamos agachados ao nosso personagens, perto do rio que nos levaria a um destino distante, quando as fixações, foram elas que nos salvaram a vida e salvariam ainda mais para sempre, essa era a nossa estratégia, não éramos egoístas como Teodoro, que se conformou com a ilha, mas talvez precisássemos de ler Proust ou Dostoievski, sendo que o primeiro nunca tínhamos lido e que o segundo era não só lido como também uma referência nossa. Em vez de repetirmos as alusões significativas para a nossa narrativa e evitarmos a censura universitária e política, abordemos a questão que aqui nos traz hoje, a da relação entre literatura ou vida ou, por outras palavras, a função social da literatura. Para além de uma função didática, terá a literatura uma função mística ou metafísica que lhe inculca o autor, cansado por vezes de si próprio e da circularidade de algumas das suas ideias, pois sabemos que o registro da literatura é linear, por assim dizer à partida, quando relacionado com as artes visuais, sobretudo. A metáfora é um dos instrumentos mais fortes do artista das palavras. E este é antes de mais um filósofo, porque trabalha com conceito; logo, o escritor é antes de mais um filósofo, não que o contrário seja absolutamente verdade. Por questões mais do que metodológicas, decidimos ficar por aqui quanto a este romance, esta novela, melhor dizendo.

## V.

Na baía de Cascais, os banhistas acotovelavam-se numa noite de verão, tentando esclarecer o que se passava com a confusão que alguém havia criado a um banhista do norte. Não era caso de somenos importância e havia algo de cómico na situação, veio inclusive um professor universitário para apimentar a questão do que se passara naqueles tempos de maresia branda. De tempo a tempo, Teodoro e Antenor encontravam-se nesse mesmo verão, nessa mesma baía, para pôr em dia as suas impressões acerca do que se passava em suas vidas profissionais. No que se refere aos crimes que haviam assolado a região da cidade em que viviam há a juntar os dois fogos, que se intensificaram bastante. Um deles, regressando a casa, percebia que a situação era mais complicada do que aparentemente fazia prever. O assunto, puxado aqui à liça, estava eivado de teorias morais e metafísicas, que escondiam poderes insuspeitos, a começar pelo poder daqueles que têm o poder. Mas haverá alguém neste país, como soi dizer-se, que esteja mais indignado do que Teodoro, que deixou a ilha para entrar na sociedade, obedecendo a todas as suas leis e preceitos, ultrapassado que foi o tormento do quotidiano religioso que parece seguir-nos para sempre, onde quer que vamos? Foi tortuoso, por isso não celebramos. A identidade não está desfeita, falando de nós e de tantos outros como Homero Serpa e outros que tais, perdidos na noite, porque felizes, eternamente infelizes, de quem não me atrevo a dizer mal, falando de nós, podemos dizer que a ação desta novela, deste romance, está em vias de se alterar, pois as regras se subvertem e afinal é isso que faz o nosso estilo, duas três palavras fortes e muitas delicadas, bastante delicadas como a existência, diria Lévinas. Enquanto continuamos desafiando Sartre sem nunca recusar um prémio, viesse ele e era bem-vindo, para além dos contactos e das clemências pedidas em vida por vida por viver para exercer esta profissão, dando a conhecer personagens, no masculino e feminino, que não pode ser como no grego clássico, no neutro, porque as pessoas ou são ou não são, não há cá meias tintas nesta loja ou é branco ou é tinto, não há cá meios-termos, isto é conceptual como a fotografia a preto e branco, disse. Mas temos de parar por um pouco e encomendar “Clareira”, para termos impressão de vender alguns romances para continuar o nosso “romance”, que incluiria, como é sempre jus na literatura, uma história de amor entre dois adultos, nunca entre uma criança e um adulto, a não ser que fosse platónico, ou fosse como fosse, desviamos a mente, daí que não temos nada a ver com

os crimes praticados por outros que usam do dinheiro para fazer regressões amalucadas, isto da psiquiatria dá para tudo, até para termos maus pensamentos, mas a solidão dá para tudo, por isso muitas pessoas, compelidas pelo desejo irreprimível de felicidade, unem-se compulsivamente a outros para fingirem que não se sentem sós... enquanto os sós poderão ser inteiramente felizes até morrerem de felicidade e realização.



## VI.

Assim, sob a capa de uma aridez imprecisa, continuamos na noite desvelando a história dos nossos que se espalham cada vez mais pelo império dos crentes em qualquer coisa, que é nosso destino acreditar, continuar sem sequer desconstruir, nunca gostámos de Derrida, mais gostamos de Deleuze e Guattari, enfim, não temos que engolir todos os sapos para provarmos que somos filantropólogos, esse será nosso destino e fé, continuar na senda de qualquer coisa herdada que se assemelha à riqueza de bens de que ironicamente dispomos materialmente mas que não dispomos tematicamente e titularmente. Essa será a nossa maior ironia e, desde já, a bela conclusão desta novela, “quanto mais se dá, mais se perde”, sendo que o destino está traçado, agora só temos é de o fintar, caso nele acreditemos e é bem que sim por mor razão de continuar com espírito e pensamento intactos, sem brecha ou risco. Não estamos mais com disposição para nos justificarmos, esta história vale por si, não é bom estudar literatura se se dela quer fazer modo de vida. Por isso aqui estamos, neste amor portátil. Então, decidi partir. Vou amanhã para casa, de novo e espero que a viagem me faça bem, que já tenho trabalho que chegue. Se fosse tolo, continuaria a destilar o meu opróbrio de falta de sorte. Mas não o farei. Farei não sei bem o quê, alguma coisa literária, obsessivamente virada para a palavra e o conceito. Saí daqui, do concreto para o supostamente abstrato. Muitos motivos há nesta fala indiferente, tal como os seres indiferentes que desfilam perante os meus olhos, no palco da realidade, da estrada sinuosa da ficção. Teria algo mais para fazer, mas dizem que perdi a alma, talvez um dia a possam encontrar para encaixar na minha, como um dispositivo robótico que se encaixa naturalmente de um lado a outro, respeitando as características de cada organismo. Diria um dia que é tudo orgânico, será tudo pessoal, com corpos ardendo uns por outros, e porque haveria de ser diferente para mim? Sim, para mim, que permaneço imóvel cativando o andrajoso amor, suposto que estaria errado se tivesse ao mesmo mantido o fio do novelo, afinal talvez quis isto tudo para nós, tu que estás comigo, conta-me como chegaste aqui, oiço-te acomodadamente. Até fumo um cigarro. Vês como funciona a minha mente? A tua mente? A mente dos outros, que pretendo trazer para aqui, para que vejas que afinal não sou nada tolo, a não ser por ti.

## VII

E depois da tempestade, a bonança, temos em crer, que nos trará mais positiva maneira de ser, neste fogacho que só deu. O dia, dos primeiros de Setembro, é igual a tantos outros, esperar para ver, esperar para se sentir melhor daqui a algum tempo. A localização das ventanias, acaba por causar novos tormentos ao circo onde tudo parece girar à roda de alguém, não sabemos bem quem, mas que terá por lide um demónio bastante estranho e bizarro. Seja como for, estou aqui para te ajudar. Que bom é ter dois pais, um que nos diz para fazer bem, outro que não se importa quando fazemos as coisas mal. Aproveita isso, isso que eu não tive. Considerar-te com sorte não quer dizer que sejas mimado, quer dizer que há muito quem se importe contigo e isso é um princípio para te importares com os outros. Não te importes demasiado com o que os outros têm ou não têm, importa-te contigo mas não sejas egoísta, respeita e serás respeitado. Quando estou em baixo, não consigo compreender a dor do poeta que descreve a paisagem que vê ou um personagem que o atormenta particularmente ou que o deixa suspenso e curioso. Essa descrição pode definir um tipo de escritor, não define todo o tipo de escritores. Por isso, há escritores e escritores e cada um pode procurar o seu estilo. Ontem estive aqui bastante tempo e escrevo no mesmo local onde escrevi a minha segunda obra de vulto, “Caderno de Encargos”. Só a mesa está em lugar diferente, virada para a frente da casa, uma mesa redonda com azulejos incrustados, o quarto está o mesmo, a casa de banho também. Seja como for, continuo sem perceber o que é que foi dito ontem, a não ser que as pessoas não são robôs e daí talvez se assegure a transmissão das singularidades de cada ser humano uns aos outros, pela morte ou pelo desaparecimento, pela ausência e pela presença. Não faço demasiados planos sobre o futuro: gostaria de conhecer uma mulher equilibrada, viver como escritor os últimos anos, alguém que vê defeito em ser existencialista e que procura mudar-se dessa posição que considera incómoda porque ultrapassada e procura ser um pós pós-moderno. A pouco e pouco, esquecia-me dos registos antigos como narrador de experiências subjetivas e procurava algo de mais concreto na minha vida, um pouco de arte, de felicidade, de sorte, sendo que sabia que estes itens davam mais trabalho que a tristeza, a melancolia, mas sair deste estado para um estado de equilíbrio dava ainda muito mais trabalho; ainda tinha tudo na mão, o sol era pesado e eu tinha conquistado o meu estilo.

Brancos

Costumes



# I

**M**ais um dia. De um lado para o outro, fazendo o tempo passar. Ninguém me ouve? Será preciso gritar? Nada de importante há a fazer. O mais importante foi feito. Àquela distância não podia ser ela. “Fala-me da vida, não da morte”. Porquê, tens pensado nisso. “Nisso o quê?” Na morte. “ De quem? Do quê? “Sim, talvez tenha já pensado”. Como hei-de dizer isto? Sou melhor a escrever, ainda que não seja grande coisa, do que a falar, aí já sou melhor, grande coisa. Remeto-vos para os provérbios que ocupam a nossa vida e outros tantos “tudólogos” de coisa nenhuma. O mais correto seria *omniólogos*. Basta ler *O Correio da Manhã* para ficar com uma imagem geral do país: futebol, violência contra corpos e mentes, fofoque. No país há muito quem seja de extremos: muito bom e muito mal e nenhuma relação entre teoria e prática aqui se põe. Outros crimes comuns: incesto, parricídio, sociopatia, psicopatia, depressão. Foi isto que nos trouxe o 25 de Abril? Bem, estes crimes aumentam como o desemprego, o que favorece profissões ociosas na qual não se inclui certamente a de escritor. O estado curvo da alma é aquele a que chegam muito boas almas dos que procuram algum tipo de perenidade nesta vida. O que importa é o instante, o passageiro, o que é perene são os laços que criamos ao longo da vida e que fortalece os nossos sonhos e projetos. Chamava-se Daniel e pegou na sua carteira, tentando levá-la mais adiante na sua viagem, sabia que devia deixar a escrita, que lhe cegava os olhos e que se devia tornar ceramista, pois nessa arte teria toda a capacidade do Deus Criador. Este homem tinha conseguido um emprego como professor numa faculdade, das mais antigas da Europa, porém, achava-se preso ao seu trabalho e quando quis despedir-se não podia, sendo obrigado a dar aulas. No outro sentido, Teodoro Cinfoso procurava trabalho, era mais dotado do que Daniel, era leitor assíduo de filósofos existencialistas e cientistas sociais, não conseguira emprego nos últimos anos por estar mais submetido ao torpor do cosmopolitismo kantiano. Nos dias em que lhe bastava bater à porta e alimentar-se pouca recordação temos. Amiúde, dirigia-se à cozinha para preparar ovos mexidos, beber um pouco de sumo de laranja, se houvesse. A sua situação psicológica equivaleria à do país? Para quê generalizar se tudo era tão banal e desprovido de espiritualidade. Cada coisa fazia a sua lógica, cada peça se encaixava dia após dia, sim, era uma pessoa bastante positiva, que não humilhava, que ainda acreditava no seu país, não sendo de todo nacional socialista. Há sempre um lado

bom das coisas, por exemplo, hoje a seleção ganhou e jogar não é a única coisa que fazemos com alma. Muito mais coisas fazemos com alma: comida, respeito pelos mais velhos e tanta, tanta outra coisa que fazemos com alma. Talvez tudo, por andamos sempre com o coração nas mãos. Para Leste não há coisa desta forma. De forma não errónea, podemos apresentar o que se passou com Matias na sua passagem pela noite de ontem a nossa casa, estávamos com um aperto na barriga, não nos iludamos, não precisamos de pedir desculpa para justificar a presença do nosso primeiro personagem, todo ele é armadura, é um soldado da paz em missões extremamente delicadas e perigosas que veio acudir aos vários problemas que se colocam como condição de existência, se assim podemos dizer. Depois, neste quadro de intersubjetividade e multiculturalidade haveria muita coisa para teorizar, mais ou menos qualquer coisa que devemos sempre dizer quando nos apresentamos a alguém, regras de sociabilidade explícitas, por assim dizer. Noutra sentido, podemos encarar o génio literário como algo que se persegue e que não é dado à partida; à partida temos um alfabeto, um teclado *qwerty* e muito mais que se desfia como o linho, na doçura de potes de mel, como a abelha faz com o pólen, andando de folha em folha a fim de se reproduzir, catando mel.

Mas, não precisamos de muitos mais argumento, Matias tinha um irmão de colete encarnado, nas festas dos campinos, onde se apascentavam toiros e a eles pegava em tempo de faena. Quando Matias, que havia feito o serviço militar em Guinom, regressou a casa dos pais para mais um fim-de-semana, os meninos estava já demasiado exposto à violência mental que se vivia naquela casa e o que estavam fazendo àquela família. Certo era que não seria Matias a fazer justiça, mas o próprio povo, num dia de tormenta e trovoadas, recursando toda a injustiça que aquela família sofria e particularmente uma pessoa, Beatriz, a amada de Lionel que veio mais tarde a deixá-lo para se casar com Teodoro. Entretanto, junto à casa de Beatriz, um carro desce lentamente ao fim da tarde a avenida, como se estivesse espiando qualquer coisa, sai um menino disparado e leva um *foxe* e depois faz sinais para o carro seguir e ele apressa-se a seguir seu caminho transviado ante tamanha inconveniência. Eis-nos chegados então ao cúmulo dos nossos irrisórios fantasmas, tanto perdemos coletivamente quanto ganhamos e em toda a terra há sua inveja, não vemos porque é que nesta não haveria de haver. Numa toada calma se irritam todos os outros, em noite insatisfeitas, depois de um recesso, do que se vê e não se vê, do que espera e do que se calcula, muito há a fazer, “nunca nos renderemos”, diz, “caímos já aqui na praia”, diz outro. Não, não temos nada a fazer aqui, nem noutra lugar, em trânsito para outro planeta, para outra galáxia onde se possa respirar ar moralmente puro. Antes, depois, aqui e acolá, eis a que leva o desregramento de quem bebe e abusa das drogas, enfim, já muitos falaram das drogas leves e das drogas duras, tudo o que se

escreve é para nosso bem, nunca para nosso mal, a vida, o mel e o bem, tem de ser levado com a devida conta e proporção, sendo que há mais calmarias no sentimento do que na emoção desmedida de quem bebe porque é obcecado por convencer aos outros que está certo, obrigando todo o mundo a pensar dessa maneira. A isso chamamos extrema e petulante arrogância. Um dia a seguir a outro, mais alguma coisa se haveria de dizer por mor de inspiração ou transcendência, qualquer coisa haveria mais para dizer, em vez de ficar detido, se é que se pode assim, por interrogações filosóficas que tornam a vida extremamente complicada de ser vivido. Enquanto Matias estava desgostado, qualquer coisa impedir Alex Sandro de levar a sua vida normal, teria tido um enfarte e a recuperação não se estava “processando” devidamente, pois sua mãe e seu pai estavam longe, sempre longe demais, não fosse ele “exigente” e nunca lhes viria uma lágrima, o mesmo aconteceria com o pequenito que mandou o carro embora, as coisas têm de ser ditas, parece cruel, mas não havia outra forma de aplacar a falta de afeto. E nestas coisas sentimentais paramos, aguardando por quem nos possa levar num módulo espacial daqui para fora, parece que o que elas querem agora são astronautas, nós que estamos sossegados entre quatro paredes nunca ou quase nunca olhamos para o céu, pois no céu nascem as estrelas e dele usam os aviões e outros engenhos para nos ver aqui em baixo, agarrados à terra, mas enfim, não desenvolvemos demais este assunto mas não nos caemos que ainda vem aí gente... “Filho, não tenhas medo deles”, não te podem fazer mal. Pois, diríamos, já fizeram que chegue, mesmo para prejuízo deles próprios. Se bem que não temos facilmente um enredo, talvez não nos pusemos a isso, não dedicamos, por afã de personalidade ou tempo simplesmente, a essa estratégia para dar a entender que o romance tem de acontecer, falar-vos-ia de um outro personagem, de nome Vertuno, que procurava, através de insidiosos poderes e bruxarias várias levar a bom termo o plano que sua amante tinha urdido contra Teodoro, e que seria matá-lo a mando por sua iniciativa, a que concorria também a vontade de Vertuno. Não lhe interessava o carro e a posição social naquele contexto, ela simplesmente achava que Teodoro era o bode expiatório de seus males pessoais e Vertuno, falhado na vida a todos os níveis, a secundava nas noites e noites seguidas que passavam entretidos na sua mansão decrépita. No momento em que estávamos pensando, muita coisa aconteceu. Nunca saberemos quantas coisas positivas aconteceram. Estamos debaixo da *Nuvem do Não-Saber*, entregues por nossa conta e risco à noite, pressentindo o abandono, o temor, o clamor. Dói-nos por dentro, passa o tempo e por mais que esbracejemos, notamos que estamos debaixo de fogo, de fotos, de arcabuzes. Mesmo assim, mesmo que não nos seja pedido, deixamos estas palavras pois respondemos a uma pergunta essencial que como ponto intermédio da memória ao pensamento chegou: o mal que pensamos não é todo culpa nossa. Não

temos que arcar com magia negra, inveja e bruxaria dos outros. Expliquemos melhor a equação: quando as coisas não correm bem, quando sabemos que temos interioridade e ela compulsivamente nos feriu, alguma coisa sobre: a dignidade; contra a bruxaria e a má fé. Não é culpa nossa. Houve já quem morreu com culpa. E quem nunca foi salvo da culpa. E quem nunca sentiu culpa? Terá havido? Espero que sim, em pequeno pelo menos e uma e outra vez em adulto. Vemos líquidos escoarem-se por entre as gretas de alumínio, o novo Ser pode surgir agora, não adiemos a sua apresentação, será como um filho, não lhe faltará educação, comida, carinho, desafios. Não lhe faltará tudo o que não tivemos. Não lhe faltará nada. Será perfeito, como nos filmes. Sim, disseste isso, eu levei a sério, talvez não vá já a tempo, porque se diz que é preciso algo que eu provavelmente terei a mais: amor. Daqui a nada, olharei para as notícias, talvez Claraval esteja certo. Talvez ele, ao oferecer-me uma amiga sua consumasse um derradeiro desejo meu: ter filhos. Ainda assim, continuo percorrendo esta estrada. Não vou com despotismo esclarecido. Nem coisa do género. Nada disso. Talvez algo melhor: um *drop* de morango.

## II

Antes que chegue a meia-noite, na panorâmica abstrata da nossa não se encontra algo que já não sabíamos à partida, por algum dispositivo que os psicólogos poderão analisar. Hoje em dia, disse ontem a uma pessoa como tu, é difícil ser-se original. Aparece sempre alguém a dizer que não estamos bem. Pois, com 8 internamentos como é que podia estar bem?! Isto é uma espécie de campeonato para ver quem vai mais vezes ao manicómio? Deus não deve estar no seu lugar. Por isso, temos a dúvida, não a dúvida metódica cartesiana que conduziu ao cogito, mas a dúvida se Deus existe. Desde depois de termos sido enganados, não isto não assunto do Teodoro, é assunto do Alter Ego que nos persegue como a sombra de uma árvore posta com estacas: para se reproduzir o bastante ao ponto de nos envenenar.

Uma voz diz-nos para não continuarmos, que somos demasiados aqui, dentro a tua mente, dentro da extensão possível dos teus argumentos. O tamanho de cada coisa tem a intensidade precisa para cumprir o seu objeto, esta é uma equação, uma fórmula, que se deve anotar, enfim, qualquer coisa haveremos de fazer antes de passar para outro lado, tínhamos autores para citar, personagens para encadear, mas está-se acabando a sorte, a sorte que nunca nos abandonou nem abandonará. A isto se chama acreditar, poderia dizer alguém no seu ato médico. Hellás, Teodoro tem razão, ela e ele sempre estão preparando alguma, nos seus sujos sonhos, mas enfim, deixa lá as coisas acontecerem, agora que está sob a mira porque não gostas de quem vai facilmente ao poder, olha, muitos como tu há-de haver, principalmente jovens. Se alguém te disser que és um merdas, não ligués, está só a ver se te rouba a boa intenção. Outra voz diz-nos coisas negativas, para que façamos ou não façamos algo, não se trata aqui de artifícios literários para convencer alguém a ir para a cama, não senhor. Há no ar qualquer coisa de criminoso, de pecaminoso que só a morte de Teodoro resolverá, entretanto Rebeca tinha saído e aprontava-se para chegar à fala com ele, de modo a que pudesse, de uma forma ou de outra, saber o que estaria com intenções de fazer, não havia aqui teorias, apenas uma conspiração em que rebeca era a testa de ferro. Mas continuemos a nossa narrativa, por outras vias, aquelas que nos permite um dia bonito, positivo, bem-disposto. A vida nascerá, bela e viçosa, onde antes houve ódio e tristeza. Depois dos fogos, nascerá a liberdade, alimentada e contida durante muito tempo, espraçando-se nos desígnios sobrenaturais do Criador. Este é o novo Ser, o Criador, que vai para além da Árvore da Vida e a transforma na sebe milagrosa, que tudo entretém em seu Ser. Assim, poderão os seres, distintos uns

dos outros, caminhar lado a lado a caminho da Verdade interior que já possuem, extravasando suas particularidades e formas num único sentido, o do Bem. ?Por vezes, quando nos encontramos num beco sem saída, por sofrermos de alguma maneira por antecipação, o melhor caminho será saltar o muro, como aconteceu com o Muro de Berlim. Muitos o passaram para o lado de cá e ele acabou por cair. Assim também o ímpio se une a ela para combinar a morte de Teodoro, que presente o perigo e se afasta por do lado de lá do muro, diria Platão, é só fachada. E quando se deve estudar a natureza pelas sociedades ainda vivas, a filosofia bate sempre no mesmo. Talvez filosofia e antropologia se competem para fazer um belo dum *bouquet*. Para oferecer à Bela Adormecida ou a Alice? Nem pensar, para oferecer a alguém que mereça. Na noite em que conduziram Teodoro até à morte, Francisca e Vertuno fizeram amor, ela pensando que Vertuno era Teodoro, porque sempre o desejara e fora a causa de ele ter abraçado a religião, religião que Vertuno abandonou para receber Francisca, sedenta de sangue, que nessa noite ela bebeu, tendo empurrado Teodoro para o fundo do poço que tinha no interior da propriedade. Assim acabámos a bela história que tínhamos por contar. O que vem a seguir é mera diversão literária. Entretanto, após a morte de Teodoro, toda a família se juntou para reconhecer como padrinho Vertuno e não sabiam o que se tinha passado. Vertuno iludiu tudo e todos juntamente com Francisca. Até a própria família de Teodoro. Teodoro não voltaria a sorrir, porque tinha partido para um outro planeta, como o Príncipezinho de St. Éxupery, como o Dr. Sammler de Saul Bellow. Entretanto, já na prisão, Vertuno perdeu a comunicação com o exterior, na ala masculina lá estava ele e na ala feminina lá estava Francisca, agora entregues à psiquiatria. Quanto a Teodoro...que lhe aconteceu? Teria sobrevivido no fundo do poço? Não lhe fizeram o funeral porque não encontraram o corpo, daí o mistério. Não consigo ler, não consigo estar um momento quieto, deve ser do tabaco e do café. A vizinha, com quem tenho um diferendo, escusa-se a falar-me, apanha-me sempre nas horas em que estou fraco. Não tenho que resolver este problema. Ela que o criou, ela que o resolva. Tenho o princípio de uma trombose. Vou reagir, antes de ficar aleijado. Não estou bem e não sei o que fazer. Gozam-me no supermercado e quando passo pelo café. Procuro não pensar nisso, mas acho que tomei medicamentos a mais. Por isso ando trôpego. Está explicado. De qualquer modo, vingamos para o presente, amaldiçoando o passado, breve ou longe, que nos persegue. Estamos, pois, em águas tranquilas, esperando pescar alguma coisa, no mar da consciência e da imaginação.

### III

Era noite. O cão ladrava. Continuava a minha “Teoria da Conformidade”, uma espécie de tese de doutoramento sem orientador. Ela tinha medo que eu me tornasse violento, que me transformasse num violador, talvez porque estivesse desde há longo tempo comigo ressentida. Nunca mais a via. Chamava-se Celeste. E eu nem sequer estava em Paris ou Londres. Ainda assim, fiquei pensando nela.